



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

**CONHECIMENTO POPULAR E A PRODUÇÃO ARTESANAL DE TELHAS NA
COMUNIDADE DO RIO QUIANDUBA**

DISCENTE: Jaiane Rego Dos Santos Quaresma
ORIENTADOR: Lúcio Correia Miranda

ABAETETUBA/2025

JAIANE REGO DOS SANTOS QUARESMA

**CONHECIMENTO POPULAR E A PRODUÇÃO ARTESANAL DE TELHAS NA
COMUNIDADE DO RIO QUIANDUBA**

ABAETETUBA/2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Q1c Quaresma, Jaiane Rego dos Santos.
CONHECIMENTO POPULAR E A PRODUÇÃO
ARTESANAL DE TELHAS NA COMUNIDADE DO RIO
QUIANDUBA / Jaiane Rego dos Santos Quaresma. — 2025.
21 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Lúcio Correia Miranda
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do
Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Educação do
Campo, Abaetetuba, 2025.

1. conhecimento tradicional sobre a produção de telhas.. I.
Título.

CDD 370

JAIANE REGO DOS SANTOS QUARESMA

**TÍTULO DO TRABALHO: CONHECIMENTO POPULAR E A PRODUÇÃO
ATESANAL DE TELHAS NA COMUNIDADE DO RIO QUIANDUBA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Educação e Ciências Sociais como requisito parcial para a obtenção do Grau em Educação do campo - Licenciada em Ciências Sociais e Humanas, pela Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba.

Orientador: Prof. Dr. Lúcio Correia Miranda

Data de aprovação: 16/09/2025

Nota: Excelente

Prof. Dr. Lúcio Correia Miranda

Orientador - UFPA

Prof. Dra. Lina Glauca Dantas Elias

Examinador- UFPA

Prof. Dr. José Francisco da Silva Costa

Examinador- UFPA

Local: Online Via Google Meet

CONHECIMENTO POPULAR E A PRODUÇÃO ARTESANAL DE TELHAS NA COMUNIDADE DO RIO QUIANDUBA

RESUMO

O presente trabalho origina-se por meio da pesquisa sobre a contribuição do conhecimento popular na produção artesanal de telhas, bem como a relevância e os desafios ao desenvolvimento na comunidade do Rio Quianduba. A prática oleira é uma das principais fontes de renda da comunidade, onde os trabalhadores envolvidos nessa prática não recebem nenhum tipo de formação profissional ou qualquer outro meio de ensino formal. Informalmente os ensinamentos foram repassados dos próprios responsáveis pela prática produtiva na olaria. No entanto, por meio de diálogos e aplicação de questionários, foi possível compreender as estratégias aplicadas no desenvolvimento desta prática produtiva, bem como os desafios que diretamente influenciam a sua produtividade. Logo os avanços tecnológicos como a própria telha de Brasilit são os principais fatores que têm influenciado diretamente no declínio desta atividade artesanal na comunidade. Fatores que podem induzir a um processo de desaparecimento desta tradição. Essa prática oleira é geralmente conduzida por famílias, onde elas são responsáveis pela produção.

Palavras chaves: Saberes, Educação informal, Prática Oleira na Comunidade do Quianduba.

INTRODUÇÃO

Nas comunidades ribeirinhas o conhecimento popular está ligado às práticas culturais, econômicas e sociais, que são passadas aos longos dos anos, esse saber empírico é vivenciado diariamente nas atividades de trabalho nas olarias da comunidade do Rio Quianduba localizado no município de Abaetetuba-PA, onde o conhecimento popular é adquirido através da educação que se dá como ponto de partida para a busca do sucesso e qualidade da vida humana, logo, a educação se faz presente em diversos ambientes formais e informais na sociedade, com o objetivo de proporcionar uma vida econômica e social justa a todos os envolvidos nesta atividade oleira. Para Gadotti (2000), a educação informal é essencial para o desenvolvimento humano, pois acontece de forma natural, por meio da convivência social. É um espaço privilegiado de construção de saberes que dialoga diretamente com a realidade e a cultura do indivíduo.

Na atualidade, onde a sociedade encontra-se totalmente globalizada, ainda se faz presente a resistência dos saberes populares locais, e tais conhecimentos têm contribuído de forma significativa suprimindo as limitações das ações políticas voltadas ao desenvolvimento local sustentável. Embora com certas limitações, esses conhecimentos, baseados em um sistema de educação informal, constituído como herança cultural, têm norteado a economia de base local em diferentes comunidades tradicionais amazônicas, inclusive a da comunidade do Rio Quianduba, sobretudo na produção artesanal na olaria. Para Brandão (2002), entende que os saberes populares são produzidos nas relações cotidianas, em contextos de luta, sobrevivência e cultura, sendo fundamentais para compreender a diversidade do conhecimento humano.

O conhecimento popular se faz presente no dia a dia de muitos cidadãos na sociedade brasileira, a vida educacional juntamente ao trabalho é importante no sustento e na permanência da família. Na perspectiva de tratar a educação informal como ponto de sustento financeiro presente em muitas comunidades inclusive em ambientes de produção das Olarias. Para que esta pesquisa e desenvolvesse necessitou buscar compreender a importância dos ambientes educacionais informais, onde saberes e tradições são repassadas às gerações, fortalecendo a cultura e as práticas produtivas locais. Para Freire (1996), valorizar o conhecimento popular como saber legítimo, que emerge da vivência concreta das pessoas. Para ele, o diálogo a conversa entre saberes e acadêmicos populares é essencial para uma educação emancipadora.

Nos estabelecimentos de produção das olarias em comunidades é bem perceptível a falta de acesso às condições adequadas de trabalho. Uma das atividades, que durante muito tempo sustentou famílias da comunidade mesmo com vários problemas, como, a segurança que não se tinha e não se tem nas olarias principalmente na Maromba, há casos de acidentes envolvendo os membros inferiores, como o caso de uma moradora que teve seu couro cabeludo arrancado pela maromba. Segundo Cordovil (2010), a maromba é uma máquina utilizada nas olarias para o beneficiamento da argila, moldando-a em formas apropriadas para a produção de tijolos e telhas. Tradicionalmente, esse equipamento era movido por tração animal, especialmente nas regiões de produção ceramista do Pará. É um trabalho que exige muito esforço físico, em jornada exaustiva. Perigoso desde o barreiro, onde se tira a matéria prima utilizada (barro), até chegar nas olarias, a queima da telha é bastante cansativa, pois requer uma atenção e um trabalho redobrado para que não passe do ponto para a comercialização.

Hoje poucas funcionam na comunidade, devido ao alto custo de produção e à baixa procura pela telha artesanal devido o aumento das telhas produzidas em larga escala pelas empresas. Pois, as empresas produzem grande quantidade em pouco tempo diferente do tempo que a telha da olaria fica pronta levando até semana para uma produção boa, o que limita o pequeno produtor ao atendimento de grandes demandas. A produção de olaria no Rio Quianduba tem uma relevância extrema na base econômica da comunidade, porém a sua participação no desenvolvimento local tem diminuído em função de uma desvalorização perceptiva desta atividade produtiva.

Assim, o presente artigo trata de uma atividade lucrativa onde a produção de telhas comuns da região tem como alicerce o conhecimento e as habilidades práticas baseado em um sistema informal de ensino. As olarias foram construídas por pais de família que se colocaram a frente e continuar um legado de resistência, e fazendo das olarias um ambiente informal de repassar os conhecimentos adquiridos através do próprio trabalho, saberes que com o passar dos anos vai se perdendo devido a diminuição das olarias, a falta de procura por compradores, o avanço tecnológico industriais contribuiu muito nesse processo de queda, além de alguns acidentes envolvendo as máquinas utilizadas no processo produtivo.

Durante a realização deste trabalho, constatou-se que as tarefas são exercidas, especialmente, pelos homens devido a exigência de muito esforço físico dos envolvidos. A atividade oleira é fruto de herança das gerações passadas, repassadas aos filhos e netos. Deste modo, a presente pesquisa parte-se de quatro questionamentos básicos: a)

Qual a origem das atividades oleiras na comunidade?; b) qual a importância da educação informal na produção de oleira?; c) qual o motivo pelo qual as olarias estão sendo fechadas?; c); e d) quais as consequências sociais e econômicas da diminuição desta atividade na comunidade?

O presente artigo destacar a importância da produção de telha artesanal na comunidade ribeirinha, e concomitantemente falar sobre a educação informal que prevalece nesse espaço de trabalho, onde é possível observar a desvalorização do mesmo perante o mercado consumidor devido aos novos métodos de produção que promete, além do aumento na produtividade, maior resistência ao produto. Assim, gerando riscos à manutenção das instalações manufaturadas tradicionais. Esta pesquisa surgiu a partir da vivência de uma família do rio Quianduba que trabalha com a produção de telhas e tijolos artesanais desde algumas gerações passadas que vem sendo seguida essa tradição, e o principal é a busca por valorização dos saberes repassado nessa atividade.

Com tudo evidenciar a prática oleira nas comunidades ribeirinhas, ressaltar a sua importância enquanto lugar de saberes, a troca de conhecimentos e a eficiência no trabalho exercido naquele ambiente, além de destacar como lugar de muitas vivências e de muito aprendizado de maneira informal, que por anos sustentou famílias e que, mesmo sendo poucas, ainda se tem famílias que dependem da produção de telhas e tijolos para subsistência, ressaltando que essa diminuição das olarias e suas produções se deram a partir do avanço tecnológico e a procura por telha *brasilit* no mercado.

REFERENCIAL TEÓRICO

O trabalho Oleiro

Na comunidade Rio Quianduba a produção oleira é um trabalho desenvolvido na localidade com o intuito de gerar renda para sustento das famílias. A olaria não é um espaço apenas de gerar lucro ou renda mais, é um lugar de vivência de uma cultura deixada pelos antepassados recheadas de saberes e conhecimentos que mantém, mesmo em número menor, as olarias na comunidade. O trabalho oleiro vai muito além, é uma cultura, resistência de um povo que busca qualidade de vida e sustendo familiar. Da Silva (2018), aborda que as olarias são compostas por varias sensações e sentimentos, não se trata apenas de trabalho mais sim a certeza de melhores condições de vida, assim:

Os homens que trabalham nas olarias não exercem funções somente na olaria. Estes, corajosamente, aventuram-se nas matas para retirada do barro,

colocá-lo no batelão e depois retirá-lo para terra. Além de cortar a lenha e preparar o forno (para o endurecimento do tijolo). Este trabalho iniciado ao cantar do galo, encerra-se somente na última gota de óleo no motor, geralmente às cinco horas da tarde (Da Silva, 2018.p.8).

Apesar de ser um lugar cheio de sonhos, de diálogo, brincadeiras é, também, um lugar que oferece riscos aos trabalhadores, a presença da família é constante nesses espaços desde os filhos até as esposas, e participam na labuta manuseando a matéria prima por meio de equipamentos considerados perigosos, como, por exemplo, a maromba, utilizada na “tiração de bola¹” em contato direto. Segundo Miranda (2013), percebe-se que:

na atividade oleira, os riscos físicos são presentes em todas as fases da fabricação que inicia pela extração da argila, o transporte através de batelões, a descarga até a olaria, a inserção da matéria prima na maromba, moldagem, corte e transporte do tijolo as prateleiras de secagem a fornagem, o desenformamento, empilhamento pós secagem e o transporte para os barcos de comercialização. Nas Condições de trabalho dentre as quais falta de equipamento de proteção, excesso de peso, ambiente insalubre, exposição às intempéries, postura inadequada, doenças sistêmicas e a sazonalidade da atividade (Miranda, 2013, p.78).

Constata-se que na fabricação de telhas e tijolos o processo é bastante demorado, leva em torno de 48 á 72 horas desde a secagem até a queima e, posteriormente, é preciso esfriar para então retirar do forno, logo depois a venda desse produto. É um trabalho muito difícil que requer muita atenção aos processos para a produção, o oleiro precisa ficar atento a tudo, principalmente, na queima onde o forno precisa ficar aceso o tempo todo. Isso gera desgaste físico, pois fica exposto ao calor altíssimo. A maromba que por muito tempo era utilizada as mãos para empurrar o barro, o que ocasionou casos de mutilação e até mesmo a perda de coró cabeludo de uma mulher da comunidade, hoje, em algumas olarias, estão se adaptando com normas de segurança e evitando acidentes.

O processo operacional da maromba que era feito com os pés e mãos, agora possui uma proteção, pois, não se toca mais no barro com as mãos e nem com os pés. O gerador de energia possui uma espécie de capa para as correias, evitando com que cabelo ou membros inferiores tenham contato. A atividade oleira exige muita sabedoria e muito cuidado em seus processos, onde é preciso ter o conhecimento da quantidade de barro utilizado em cada telha, o óleo de azeite usado na prensa da telha, no processo de

¹ Caracteriza-se pelo momento que o barro passa na maromba e sai prensado chamado de bola.

secagem, na queima dessa produção, desde a temperatura do forno, até esfriar a telha para então ser retirado do forno e comercializado.

Segundo Coombs e Ahmed (1974), a educação informal busca evidenciar que existem diversas formas de se adquirir conhecimento e que esse lugar não precisa ser formal para aprender, e sim que a experiência cotidiana é responsável pelas práticas significativas no processo de vida em comunidade seja onde estiver. Segundo Almeida (2014)

A educação tem função adaptadora, no processo de formação do sujeito ao longo das etapas de sua vida por estar ligada à “produção e reprodução” da vida social. Permite que os conhecimentos, experiências e modos de ação adquiridos, sejam passados para as gerações futuras (Almeida, 2014, p.10)

Logo, as olarias são ambientes onde prevalecem troca de conhecimentos de muita importância para sociedade. É preciso que essa prática de trabalho artesanal não se perca e seja sim valorizada pela história que ali são construídas, memórias e vivências no dia a dia dos oleiros. Vale ressaltar que com o decorrer dos anos essa produção vem sendo bastante prejudicada com os avanços tecnológicos, com a produção, principalmente, das telhas de brasilit, e ocasionando aos donos das olarias muita insegurança fazendo com que diminua a produção ou até mesmo no fechamento de suas propriedades.

Assim, sob à administração familiar, cada estabelecimento produtivo busca driblar as limitações presentes entre as etapas de produção à comercialização. Estes e demais aspectos, fazem da olaria um ambiente que “contempla um conjunto de aspetos de grande riqueza simbólica e todo um conhecimento, que deve ser divulgado no seio das novas gerações” (Marçal, 2012, p. 104). A cultura e os saberes advindos das gerações passadas precisam ser mantidas e valorizadas, são riquezas que por décadas foram sendo construídos, mediante ao trabalho desenvolvido com muita dedicação e suor, pela necessidade de buscar por melhores condições de vida. Nesta perspectiva Gomes, Silva e Silva afirmam que:

A Educação Não-Formal, vem tomando forma e espaço historicamente e se tornando um instrumento essencial na dialógica dos saberes, abrangendo uma dimensão de conhecimentos que vão além dos conteúdos formais (Gomes; Silva; Silva, ano, p. 3).

A importância do conhecimento adquirido fora dos ambientes formais de educação, evidenciam que aprendizagem não necessita de um lugar específico, e que pode ser adquirida no dia a dia de trabalho, seja qual for o ambiente, educação sempre é importante.

METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa será adotado como método qualitativo o procedimento metodológico da pesquisa divide-se em três etapas: a) Levantamento e revisão bibliográfica; b) Aplicação de questionário, observação e análise de campo; e c) Elaboração do diagnóstico da pesquisa. O levantamento e revisão bibliográfica iniciaram-se com a busca por autores que tratam sobre educação informal, ou que fale do conhecimento existente dentro dos ambientes de trabalho como as olarias, de forma explicar que educação não dá apenas nas escolas em ambientes formais, mais mostra que autores também ressaltam a importância dos ambientes e principalmente da cultura e saberes que são advindos de gerações e que através da forma informal também é possível construir uma sociedade recheada de conhecimento. As buscas pela bibliografia foram desenvolvidas em instalação das bibliotecas físicas e digitais.

A aplicação de questionário, observação e análise de campo constitui-se em trabalhos de campo desenvolvidas. As entrevistas e aplicação de questionário (ver Apêndice A) foram direcionadas para os donos e trabalhadores das olarias, almejando obter informações sobre os processos de produção, as técnicas utilizadas, as dificuldades enfrentadas e as mudanças ocorridas ao longo do tempo. Além disso, foram realizadas observações de campo para analisar o estado atual das paisagens, as infraestruturas das instalações de produção e compreender os desafios cotidianos das olarias na comunidade ribeirinha Rio Quianduba.

Com base na correlação dos resultados das etapas anteriores, elaborou-se o diagnóstico da pesquisa destacando as limitações, potencialidades e desafios inerentes ao desenvolvimento comunitário, com ênfase nos processos produtivos de olaria às margens dos rios que circundam a comunidade.

CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A comunidade do Rio Quianduba é composta por um grande número de pessoas e famílias, totalizando 1.742 pessoas, distribuídas 517 famílias. É uma comunidade

bastante acolhedora, sendo que, ao longo do tempo, vem sofrendo inúmeras mudanças, tornando uma das comunidades mais desenvolvidas da região do Rio Quianduba. A comunidade, no âmbito econômico, antes contava com a produção oleira para sustento financeiro da comunidade, porém esse cenário vem mudando, tornando a extração do açaí hoje a principal fonte de renda na região. Existem, também, os que possuem outras fontes de renda entre as famílias, como: pedreiro; peixeiro; uns que trabalham em pequenas mercearias na sua própria residência; e outros optam pelo trabalho de freteiro, transportando pessoas para cidade e levar elas novamente para a comunidade assim conseguem se sustentar.

É importante destacar, que mesmo assim, ainda é difícil conseguir trabalho só na comunidade, muitos dali se deslocam pra outras cidades e até estados para trabalhar, devido à dificuldade, caracterizando em limitações à permanência de algumas pessoas na localidade. A comunidade é composta por alguns aspectos importantes que contribui para o seu desenvolvimento, hoje a comunidade conta a instalação de energia, muito embora carece de maiores cuidados e atenção do poder público na sua regularização e a estabilidade do seu funcionamento. De igual modo às instalações de internet, embora existe uma torre carece de ações políticas que favoreçam maior acessibilidade, uma vez que a internet pode contribuir, ainda mais, para melhoria da comunicação, e, conseqüentemente, da qualidade de vida local.

Nesse processo de modernização sofrido na comunidade, que se deu através na própria energia que hoje a comunidade conta mesmo com falhas mais possui, a internet que chegou na região facilitando contato, as lanchas que facilitam o deslocamento para a cidade, também um pequeno avanço na saúde, com a instalação de um pequeno posto de saúde, que oferece alguns serviços para a população, onde contem uma equipe que trabalha para o bem das pessoas, oferecendo atendimento médico, facilitando o acesso aos exames, embora estes demandam um deslocamento à sede da cidade. Mas, no entanto, o atendimento dos agentes de saúde é feito nos domicílios.

O rio Quianduba é uma comunidade que contém uma das maiores escolas da região, atende alunos de alguns rios próximos, a escola é anexo da E.E.F.M Prof. Basilio de Carvalho, recebe alunos de ensino infantil ate o 3º ano do ensino médio. Por outro lado, a escola E.M.E.I.F. Nossa Senhora do Perpetuo Socorro atende apenas as turmas de ensino fundamental da comunidade. Vale ressaltar que o ensino na comunidade é muito bom, a escola obteve vários alunos aprovados no ENEM, e a cada

ano vem aumentando desde 2020, oportunizando melhorias de vida para jovens em buscar seus objetivos ao ingressar em universidades e realizar sonhos. É possível observar a diversidade religiosa na comunidade, varias igrejas entre elas predomina a evangélica, existe a Igreja de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro padroeira da comunidade, assim como casas de matrizes africanas, orixás.

Embora com uma quantidade significativa de pessoas, vale ressaltar que alguns aspectos têm dificultado a promoção da qualidade de vida local, como, por exemplo, o acesso a água potável. A comunidade conta com um ponto de distribuição de água, onde se paga um valor para ter acesso, na comunidade possui um poço artesiano onde é de um determinado morador, logo para os moradores terem acesso é necessário pagar um valor para poder pegar a água, pois, a água do rio é imprópria para consumo, sendo contaminada por lixo até animais mortos são ali despejados. Isso faz com que seja impossível utilizar a água diretamente do rio antes da aplicação de um ligeiro processo de, até mesmo para lavar roupa. O lixo produzido pelas famílias tem vários rumos, uns são queimados, outros são despejados no rio e alguns, bem poucos, conduzem para a cidade do município até um ponto de coleta. Na comunidade não existe ações de coleta de lixo promovida pelo poder público local, o que muito tem contribuído para a qualidade ambiental e aos problemas de saúde da população local, a comunidade ainda, em muitas casas, possui banheiro atrás das casas, onde os dejetos são despejados diretamente no solo, outras possuem sistema de fossa individual, dessa forma entende-se a necessidade de saneamento básico para a comunidade.

RESULTADOS

Durante a pesquisa realizada percebeu-se que as olarias possuem uma grande importância na comunidade, pois é uma atividade que transmite saberes e práticas culturais advinda de gerações passadas e que está sendo transmitida até os dias atuais. Com mão-de-obra local, a produção oleira na comunidade encontra-se em declínio, dependente das condições técnicas e financeiras das famílias, “as olarias aqui eram tudo de família, tinha as mulheres que iam ajudar a fazer a telha e o tijolo, ate criança ia, ajudar a tira a bola” (Entrevistado 01).

Constata-se que nas fazes da fabricação de tijolo e telhas são necessárias um tempo entre 48 à 72 horas de queima, para atingirem o grau necessário para

comercialização tanto da telha quanto dos tijolos (Miranda, 2013). O trabalhador fica extremamente exposto aos ricos oferecidos no ambiente de trabalho, pois precisa alimentar a queima colocando lenha no forno para manter temperatura ideal à realização deste processo sem deixar o fogo apagar. O oleiro permanece o tempo todo ao lado do forno. Importante ressaltar que o manuseio da maromba² era realizado com os pés, o que ocasionou ao longo da história um alto índice de mutilação tanto em crianças quanto mulheres e até mesmo os próprios trabalhadores ribeirinhos da região.

Hoje em algumas olarias estão se adaptando com normas de segurança e evitando acidentes, o processo da maromba que era feito com os pés, agora possuem uma proteção onde não toca no barro com as mãos e nem com os pés. O gerador de energia possui uma espécie de capa para as correias, evitando, inclusive, com que cabelo ou membros inferiores tenham contato. A atividade oleira exige muita sabedoria e muito cuidado em seus processos, onde é preciso ter o conhecimento da quantidade de barro utilizado em casa telha, o óleo de azeite usado na prensa da telha, no processo de secagem, na queima dessa produção, desde a temperatura do forno, até esfriar a telha para então ser retirada do forno e comercializada, logo esses processos ou esse trabalho não é ofertado cursos ou oficinas para realiza-lo. Pois, são conhecimentos construídos com base nas experiências e repassados entre gerações, conforme relatos abaixo:

- “Quando existiu as olarias não existiam maquinas era tudo manual mesmo, tinha que pisa no barro amassar pra tira a bola, fazer a bola pra fazer a telha, a telha não era feita na prensa não existia ainda, era na caixa que fazia, ai foi surgindo as ideias fizeram a prensa de madeira que era forrada de alumínio, depois surgiu a de ferro, veio a maromba, pra tira a bola facilitou muito, nos tinha que ir pro mato tira o barro amassar pra fazer a telha e fazer na prensa, isso tudo era nossos pais e avos que ensinava a gente a trabalhar. Na época era só oque tinha pra trabalhar, então eles preparavam a gente pra gente sustentar a família” (Entrevistado 01);

- “A olaria surgiu através dos nossos pais e avos faz muito tempo, nos trabalha pra ganhar nosso dinheiro e sustentar nossas famílias” (Entrevistado 02);

² Caracteriza-se por uma máquina, que se usa nas olarias, para homogeneizar e moldar o barro/argila. Dentre as suas partes, possui uma espécie de hélice que força a entrada do barro, deixando-o compactado, pronto para ir à prensa.

- “olha isso aqui existi á muito tempo, eu era criança e já vinha pra cá, aprendi vendo meus tios e meu pai fazendo a telha, boca de fogão” (Entrevistado 03);

- “Aqui no Quianduba tinha muita olaria nos era rapaz e queria trabalhar e na época era só oque tinha pra trabalhar, então eles preparavam a gente pra gente sustentar a família e assim nos ganhava o dinheiro” (“Entrevistado 04);

- “Não sei dizer como surgiu mais a muitos anos atrás as olarias eram muito, era os donos que iam atrás do trabalhador, era o único serviço que predominava aqui” (Entrevistado 05);

- “Essas olarias surgiram através dos nossos avos que são os mais antigos, eles deixaram pros nossos pais e depois nos” (Entrevistado 06);

- “na época não tinha tanta modernidade, tinha muito serviço e muita procura, as olarias eram muitas e por causa de dinheiro e trabalho elas existiram, meu avô trabalhava desde novo ensinou meu pai depois que eles morreram eu fiquei tomando conta” (Entrevistado 07).

A produção de telha na comunidade ribeirinha é um movimento cultural movido através dos saberes advindo das gerações passadas como subsídio de sobrevivência e resistência mediante aos avanços tecnológicos. A dimensão da comunidade, com seus furos e braços, se distribuem as olarias. Hoje muitas já não existem, foram completamente demolidas e seu espaço virou novas construções. Na comunidade existem pequenos braços de rio, que são chamados de: Talo, Igarapé-Açú e Lariandeuá, nesses locais estão distribuídas as olarias, no início, meio e fim lá estão elas, nas margens dos rios da comunidade, as olarias são específicas das margens devido o carregamento de embarque e desembarque de material.

De acordo com os dados da pesquisa, houve uma queda significativa na quantidade de olarias na comunidade, há anos atrás, basicamente a 35 ou 40 anos, as olarias eram o auge do trabalho, não se tinha muito açai, logo a produção da telha era a única opção de subsistência na comunidade. Ao longo dos anos as modificações surgindo e melhorias chegando à comunidade, logo a própria indústria produtora de um material, a cerâmica, diferente e em larga escala de produção, surgiu na região,

contribuindo para o declínio na procura das telhas artesanais da comunidade, conforme relata o Entrevistado 07:

- “o serviço aqui era a olaria tinha mais de 35 isso funcionando direto, por que nessa época dava dinheiro, só que com os avanços dessa cerâmica com o tempo diminuiu muito, deve ter umas 8 funcionando se tiver” (Entrevistado 07).

Assim, resultando no fechamento de várias olarias e aumentando o número de desempregados na localidade. A produção oleira no Quianduba sofreu uma grande queda no número de olarias ativas na localidade, o alto custo e a baixa procura contribuíram muito para atual cenário. Desta forma, colaborando para o fechamento de algumas unidades de produção. Em intervalo de década eram presentes cerca de 42 olarias ativas, onde o produto produzido telhas e tijolos eram bastante procurados pela população local e de outros municípios próximos, porem como já foi citado acima os avanços tecnológicos, a presença das indústrias com o passar dos anos contribuiu significativamente para o fechamento de 35 olarias.

Isso resulta na desvalorização do trabalho, na ausência de renda para sustento das famílias, e, principalmente, os saberes repassados nessa atividade ficando de lado, uma cultura que possui histórias de vivências, pessoas que lutaram para deixar uma herança que se tratava dos próprios saberes e de um espaço de trabalho, em risco de extinção. As olarias não são espaços de cooperativas, esse movimento nunca existiu diante desta atividade oleira, na comunidade as olarias têm como característica principal em ser um ambiente conduzido pela presença forte da família, nos dias atuais com apenas 7 olarias funcionando, ainda conta com as famílias nesse ambiente sendo exclusivamente uma produção individual de cada dono das olarias.

A cooperativa é uma organização formada por pessoas que trabalhando em conjunto, por meio da cooperação, buscam atingir objetivos comuns. O cooperativismo é um sistema econômico e social que tem como objetivo o bem-estar e desenvolvimento de todas as pessoas por meio da cooperação. A organização econômica do cooperativismo é a cooperativa, que, atuando conforme os valores e princípios defendidos por essa teoria cumprem com o seu papel, de oferecer melhores condições de vida para as pessoas, promovendo o desenvolvimento (Niedi; Forgiarini; Alves, 2021). Assim, na comunidade, cada produtor executa suas atividades de forma independente. Caracterizando em um sistema produtivo dependente das capacidades financeiras e técnicas de cada núcleo familiar, conforme ilustra a Figura 01.

Figura 1 – Estrutura das instalações físicas da produção de Olaria.



Fonte: Jainara Rego (2025).

Maromba é o equipamento mais temido, por ela que o barro passa em direção à prensa essa máquina já causou alguns acidentes que levaram a mutilação, hoje possui um cabo para facilitar a movimentação do barro, o que antes era feito pelos pés e mãos. O item C da Figura 01 representa a prensa que os oleiros usam para deixar a telha em seu formado, a prensa segundo um oleiro era manual, eles não possuíam esse equipamento, antes era a prensa de madeira e depois veio a de ferro, relata um dos oleiros entrevistado. Após a argila passar pela maromba e prensa, utiliza-se o arco para cortar o barro em tamanho padrão equivalente à uma telha. Arco é uma peça criada com apenas um pedaço de ferro de construção e arame. As telhas prensadas, são distribuídas sobre uma estrutura de madeira em forma de tabuleiro, chamado de secador, e assim este exerce sua função fazendo jus ao nome. O secador é onde, as telhas passam por mais ou menos, no verão, 3 dias, em período de inverno dura em torno de uma semana para secar e depois é levada para o forno.

Com a massa modelada, prensada e secada, é submetida ao forno para a queima, onde a telha, com sua forma definida, ganha maior consistência e maturação. O forno ilustrado (Figura 01) possui capacidade para 15 milheiros de telha, a queima como já mencionado é o processo mais difícil da produção, devido o tempo e ao calor que faz na queima. Depois deste processo a telha é empilhada (ver o item F da Figura 01) no atterro, termo esse utilizado pelos oleiros pra dizer que já está pronta para comercializar. O trabalho oleiro na região não possui nenhum tipo de assistência, seja por associação ou cooperativas, mesmo sendo um ponto importante no mercado onde seus produtos

seriam vendidos de forma adequada, podendo crescer e melhorar a produção. Porém, a ausência de uma estrutura produtiva em forma de associação/cooperativa se deve, dentre outros à inexperiências dos oleiros, carece conhecimento sobre os procedimentos da sua sistematização.

Quando questionados sobre a existência de associação ou cooperativa dos produtores, é unânime a negação e o reconhecimento da importância da sistematização de união entre os produtores, sobretudo prevendo a valorização do produto, conforme destacam os relatos abaixo:

“não tem nada, seria melhor se tivesse uma cooperativa assim ela ia ajudar muito no valor que nos vende a telha, por que varia muito não tem um valor certo pra trabalhar pra vender a telha” (Entrevistado 01);

“não tem, aqui gente vende mais barato a telha pra sobreviver tem tempo que a telha tá boa pra vender tem tempo que não, tem tempo que tá mais cara ai a gente ganha um pouco tem vez que a gente perde por que tem que vender com a cooperativa isso ia ser diferente” (Entrevistado 02);

“Não tem nenhuma dessas ai, na verdade criaram uma vez mais não deu certo, só uns se beneficiaram mais não foi pra frente e acabou” (Entrevistado 03);

“infelizmente não tem, se tivesse seria diferente na venda, nos se juntava e um ajudava o outro mais aqui não tem isso” (Entrevistado 04);

“aqui nunca teve, nem conversa entre os donos não tem, se tivesse ia ajudar muito nos aqui mais não tem ninguém pra ir à frente e correr atrás” (Entrevistado 05);

“não, não quem dera se tivesse seria muito bom pra nos, infelizmente não tem” (Entrevistado 06);

“durante eu trabalhar nunca teve e nem conversa entre os donos pra buscar melhoria pra nos não teve e eu acho que pelo decorrer da carruagem nunca vai ter as olarias estão acabando” (Entrevistado 07).

A pesquisa de campo constatou que os oleiros têm vontade de se afiliarem em uma organização que zele pelo interesse coletivo dos produtores, reconhecendo benefícios aos mesmos. Oleiros relatam a dificuldade ao vender seus produtos e que com uma associação ou cooperativa iria contribuir muito na venda e valorização do

trabalho exercido com muito esforço. Mediante a análise da pesquisa, é notório que os oleiros enfrentam diversas dificuldades na produção oleira, dentre elas a falta de reconhecimento pelo seu trabalho, o que poderia ser diferente se houvesse envolvimento dos governos tanto municipal quanto estadual na busca pela preservação desse trabalho, o que resulta em famílias trabalhando duro e mantendo uma cultura existente a décadas na comunidade, a valorização dos saberes presentes nesses ambientes.

A presença de cooperativas ou associações iria ajudar muito no desenvolvimento desse trabalho, voltando atenção na comercialização, pois os oleiros relatam a má venda desses produtos, o produto muitas das vezes sai abaixo do valor devido a baixa procura da telha e por não terem alguém ou associação que os orientassem da melhor forma para comercializar. Mediante ao trabalho desenvolvido nas olarias das comunidades ribeirinhas especificamente no Rio Quianduba, é notório nos depararmos com a vasta sabedoria presente nesses ambientes, mesmo não sendo um ambiente escolar oficial. Os oleiros não recebem nenhum tipo de ajuda financeira do governo, caso isso fosse diferente iria ajudar na compra da matéria prima, na reforma das olarias e manutenção do espaço, a própria comunidade passa a consumir produtos de fora ao invés de seus amigos residentes dali, um dos motivos das olarias fecharem foi justamente a chegada das telhas industriais, na comunidade e fora da mesma, pois os oleiros não produziam e não produzem apenas para a comunidade, mais também para as vizinhas na região.

Seria interessante que a comunidade valorizasse esse trabalho advindo de muitas mãos passadas que começaram uma história nas olarias, a curiosidade, a atenção em cada movimento realizado nesse lugar virou em saberes conhecimentos que precisam ser cuidados, preservados principalmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada com o objetivo de evidenciar o trabalho realizado nas olarias e especificamente abordando os conhecimentos adquiridos nesse ambiente no Rio Quianduba, os trabalhos dos oleiros é advindo de muitas gerações que se passaram e a partir daí deixaram diversos conhecimentos que hoje se fazem presente através dessa atividade e que visa o sustento das famílias que ainda atuam na comunidade. Através da pesquisa de campo e as entrevistas realizadas com 7 produtores oleiros, percebemos a grande dificuldade de manter o trabalho nas olarias, haja vista que o número de olarias caiu muito, estando atuando apenas 7 de quase 50 na

comunidade, muitas já nem existem mais e o que contribuiu muito para que isso acontecesse foram os avanços da produção de cerâmica que na visão dos oleiros da comunidade é uma produção bem mais rápida do que a da telha comum produzida na comunidade.

É que apesar de algumas famílias manterem mesmo que bem menor a produção é possível perceber a diversidade cultural nesse lugar, saber que ali se tira o sustento de famílias que não é um trabalho fácil mas que exige muito do trabalhador e que quase não se é compensado financeiramente como deveria, percebo que as olarias que ainda estão ativas se mantêm para preservar um legado que deixou muitas experiências, sentimentos e memórias jamais esquecidas de pessoas que passaram a vida trabalhando nesses espaços e que deixaram para filhos darem continuidade e assim sustentarem seus familiares.

É notório necessidade de valorização dessa prática oleira, tanto pela comunidade quanto pelas organizações governamentais, para que a partir das ações de valorização ou importância dessa prática os oleiros pudessem ter um pouco mais de qualidade de trabalho e principalmente de vida, ali estão expostos aos riscos tanto a saúde quanto a vida, desde o barreiro que se arrisca em batelões cheios de barro na própria retirada do barro, até a queima da telha exposto ao calor extremo, a própria maromba que apesar de hoje já tiver uma proteção, mais que já causou diversos sofrimentos a pessoas através da mutilação.

Percebeu-se durante a pesquisa que o produto produzido especificamente a Telha com as crises econômicas hoje não se tem um valor específico na comercialização e os oleiros relataram que não existe associação que envolve esses trabalhadores e se tivesse ajudaria muito nessa venda, onde poderiam assim ganhar um valor mais justo pelo trabalho. Na comunidade mesmo sendo movimentada no sentido de população, tendo pontos de apoio aos moradores tanto na saúde quanto a educação, as modernidades chegaram desde a internet diária nas casas quanto às rabetas com grandes motores de carro, o açaí ainda predomina na comunidade, saneamento básico nem tanto o que precisa melhorar muito ainda, mas ao tratar das olarias percebo que trabalhos de anos décadas atrás estão se perdendo e a comunidade em si não percebeu isso a não ser os próprios oleiros que atuam diariamente com isso, a diminuição da produção é um choque o que se produzia a 45 anos atrás cerca de mais 150 milheiros de telha por semana hoje quase não se é produzido 20 por semana. Com isso é notório a

dificuldade na venda e principalmente a baixa procura pelo produto, o que teve a cerâmica como ponto de partida para que isso acontecesse.

Ressalto a importância de manter esses saberes ativos e preservados por várias gerações que estão por vim, que esse conhecimento não se perca por causa do lucro que não correspondem, esses conhecimentos são extraordinários para o desenvolvimento enquanto cidadão, nos valores éticos repassados até aqui.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO

- 1 - Como Surgiu A Produção De Olaria Na Comunidade?
- 2-Quantas Olarias Tinham E Quantas Tem?
- 3-A Produção De Telha Aumentou Ou Diminuiu?
- 4 – Existe Alguma Associação Ou Cooperativa Dos Produtores De Olaria Na Comunidade? Se Não, Existe Algum Diálogo Ou Interesse Voltado À Criação De Alguma Desta Organização Na Comunidade Entre Os Produtores?
- 5 – A Base De Subsistência Da Família É Apenas A Produção De Olaria? Se Não, Site As Demais.
- 6 – A Retirada Da Matéria Prima É Nas Proximidades Das Instalações Das Olarias?
- 7 – Quais Etapas De Produção Considera De Maior Dificuldade? Porquê?
- 8- Nessas Olarias Há Envolvimento De Familiares?
- 9- Como Aprendeu A Fazer Telhas? Quem Repassou Esse Conhecimento?
- 10 – Os Funcionários São Apenas Os Membros Da Família?
- 11 – Tem Acontecido Acidentes De Trabalho Durante As Produções? Quando Foi O Último Acidente Registrado?
- 12- As Olarias Sao Reconhecidas Como Importantes pelos familiares envolvidos na produção e pela comunidade?
- 13-Qual A Rotina (Horário) De Funcionamento Da Olaria?
- 14- Qual A Importancia Das Gerações Passadas Nas Olarias E No Conhecimento Repassado Ate Hoje ?14-Qual O Tempo Dos Processos de produção Da Telha e tijolos?
- 15 – Quais maiores problemas enfrentadas na produção, tendo olaria como base econômica familiar?
- 16 – Tem recebido algum subsidio (técnico ou financeiro) de algumas ações do poder público ou organização não governamental para potencializar as produções?
- 17 - Com base nas suas experiências e problemas enfrentados, na produção artesanal de telha e tijolos, o que poderia ser feito (pelo governo, organizações não governamentais, inclusive pela comunidade local) para que as dificuldades possam ser superadas?

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Salete Bortholazzi. OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE Produções Didático-Pedagógicas, EDUCAÇÃO NÃO FORMAL, INFORMAL E FORMAL DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO NOS DIFERENTES ESPAÇOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM, v. II. Curitiba: SEED-PR, 2014. p. 10.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2002. (Coleção Primeiros Passos).

CORDOVIL, M. C. M. **A indústria ceramista no município de São Miguel do Guamá**: estudo de caso da Cerâmica Industrial Irmãos Campos Ltda. 2010. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

COOMBS, P.; AHMED, M. **Attacking Rural Poverty**: How nonformal education can help. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1974.

DA SILVA, Felipe Kevin Ramos. **Sabor, estética e poesia**: O habitar ribeirinho na Amazônia marajoara (pa). **Geograficidade**, v. 8, n. 2, p. 53-64, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Educação e Cidadania Planetária**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2000.

GOMES, Marineide Pereira; SILVA, Yanatasha Fernandes Ferreira; SILVA, André Gustavo Ferreira **EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL: DIÁLOGOS COM A EDUCAÇÃO POPULAR EM FREIRE – O CASO DO GRUPO DE LEIGOS CATÓLICOS IGREJA**

MARÇAL ,Artur Jorge Lima . A TRADIÇÃO DA OLARIA EM FONTE LIMA Abril de 2012

MIRANDA, Cláudia do Socorro Carvalho. **Avaliação exploratória do programa de erradicação do trabalho infantil**: um estudo de caso na comunidade ribeirinha do rio Ajuai, município de Abaetetuba, Pará, Brasil. 2013. Dissertação de Mestrado. Universidade de Évora